

ESTÁGIO CURRICULAR EM GEOGRAFIA: COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ENTRE A ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Guaracy Albuquerque de Abreu ¹
João Marcos Tavares Cabral ²
Maria Edivani Silva Barbosa ³

RESUMO

Até o fim da década de 1990, o estágio supervisionado aparecia em segundo plano nos currículos dos cursos de formação de professor, pois este era considerado como o momento da “prática”, reforçando, assim, a dicotomia existente entre teoria e prática. No entanto, o estágio não pode ser limitado apenas à crítica e à prática instrumental, mas deve ser um momento compreendido como pesquisa com base na ligação intrínseca entre teoria e prática. Assim, com base em Pimenta e Lima (2009), Malysz (2010), Sato e Fornel (2010), entre outros, este trabalho objetivou analisar a relação entre o espaço físico-material de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) da cidade de Fortaleza, Ceará, buscando entender como a presença (ou não) de determinados materiais pode influenciar na prática docente do professor de Geografia. Para tanto, realizamos a escolha de uma EMEF em Fortaleza e levantamento bibliográfico sobre a temática em estudo, assim como anotações, intervenções e observações sistemáticas sobre a estrutura física da sala e a relação desta com os processos de ensino e aprendizagem de Geografia. Foi possível, então, observar como o espaço escolar é um construto político, econômico e social, no qual a sua organização física está diretamente relacionada com a atuação de variados agentes, e como tais relações podem afetar as aulas de Geografia de forma positiva ou negativa.

Palavras-chave: Vivência, Espaço Escolar, Estágio, Problemática Físico-Estrutural, Aulas de Geografia.

INTRODUÇÃO

Até o fim da década de 1990, o estágio supervisionado aparecia em segundo plano nos currículos dos cursos de formação de professor, pois este era considerado como o momento da “prática”, reforçando, assim, a dicotomia existente entre teoria e prática. Do mesmo modo, era comum a crítica vazia às escolas que recebiam estagiários, pois estes não encontravam nesse espaço nenhuma associação com a teoria estudada nas universidades. Assim, embora de suma importância para a formação profissional e pessoal do futuro docente, ao estágio era atribuída uma menor relevância.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, guaracy506@gmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, j.marcos2210@hotmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal do Ceará – UFC, edivanisb@yahoo.com.br.

Entretanto, assim como enfatizado por Pimenta e Lima (2009), o estágio não pode ser limitado apenas à crítica e à prática instrumental, mas deve ser um momento compreendido como pesquisa com base na ligação intrínseca entre teoria e prática (práxis), ocorrendo, assim, a formação de um professor crítico-reflexivo. Logo, o estágio deve ser um momento de investigação, reflexão e intervenção dentro do espaço escolar, perpassando por alunos, professores, estagiários, diretores, coordenadores e comunidade adjacente. Para além da simples observação deste espaço escolar, é preciso que ele seja vivenciado e problematizado mediante investigação.

É nesse sentido que a escola deve ser vista como um espaço social, no qual todos aqueles que a constituem devem atuar na qualidade de sujeitos e responsáveis pela sua manutenção. Outrossim, a escola não pode ser analisada de forma isolada no espaço-tempo, haja vista que ela se encontra circunscrita aos diferentes contextos históricos, culturais, econômicos, políticos etc. que constituem a sociedade como um todo. É nesse espaço que vão se suceder relações de amizade, respeito, amor, solidariedade e sabedoria, mas é também nesse espaço que acontecem relações de ódio, subordinação, medo, violência e egoísmo.

Portanto, vivenciando o espaço escolar e acreditando que o estabelecimento dos processos de ensino e aprendizagem passa, também, pelas relações entre os diferentes sujeitos que constituem a escola e tudo aquilo que esta tem a oferecer, ao passo em que podemos falar da presença de recurso tanto humano como material, no trabalho objetivamos analisar a relação entre o espaço físico-estrutural de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) da cidade de Fortaleza, Ceará, buscando entender como a presença (ou não) de determinados materiais pode influenciar na prática docente do professor de Geografia. A atividade é resultado das práticas do Estágio Curricular em Geografia realizado no 5º semestre, no período de março a junho de 2018 do curso Geografia/Licenciatura, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Inicialmente, realizamos a escolha de uma EMEF na cidade de Fortaleza e levantamento bibliográfico sobre a temática em estudo, notadamente sobre estágio curricular e espaço escolar. Além disso, por meio da observação participativa, foi possível acompanhar o “ritual” da escola, todos os seus espaços e as aulas de Geografia no decorrer de três meses, principalmente em uma turma de sexto (6º) ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, na qual realizamos anotações, intervenções e observações sistemáticas sobre a estrutura física da sala, bem como a relação da estrutura com os processos de ensino e de aprendizagem de Geografia em curso.

Foi possível, então, observar como o espaço escolar é um construto político, econômico e social, no qual a sua organização física está diretamente relacionada com a atuação de variados agentes, e como tais relações podem afetar as aulas de Geografia. Com base nas experiências no Estágio Curricular em Geografia, percebemos como a “ponte” estabelecida entre a universidade e a escola da educação básica é fundamental para a formação do futuro profissional docente e para a formação continuada do professor em exercício, assim como a análise do espaço escolar para tornar o processo de ensino e de aprendizagem de Geografia mais prazeroso e significativo para os professores e alunos.

METODOLOGIA

Empregamos a abordagem qualitativa para entender o comportamento dos alunos em relações da aprendizagem da Geografia com a questão físico-espacial da escola, diálogo que os alunos têm com a escola, como eles convivem no ambiente escolar. Para tanto, foram realizados os seguintes procedimentos:

Observação de sala de aula - as observações iniciaram-se nos primeiros dias de estágio, logo após as conversas iniciais com coordenadores, diretor e a professora orientadora, durando todo o período, já que no mesmo foi inviável a realização de intervenção direta com os alunos, as aulas foram acompanhadas de anotações em caderneta de campo, todos os momentos da aula foram registrados, como os alunos estavam se comportando na chegada da professora em sala de aula, grau de agitação, sensação térmica do momento, o conteúdo passado assim como o método que a professora utilizava para a explanação da aula.

Observação do espaço escolar - foi analisada a questão estrutural da escola, com reconhecimento com base em fotografias e anotações, as observações consistiram na análise das estruturas de salas de aulas, salas dos professores, pátio, quadra, banheiros, cozinha, sala biblioteca e sala dos computadores, além dos espaços externos ao redor da escola. Em todos esses espaços podemos entender as dinâmicas vivenciadas pelos alunos, professores e funcionários da escola, relacionando as problemáticas que a professora de geografia encontrava, de ruídos internos e externos, falta de ventilação e problemas com pelo excesso de claridade ou a falta dela.

Realização de entrevistas com alunos acompanhados e com o professor de geografia, sabendo assim seus pontos de vista sobre toda a problemática da escola. Um ponto bastante importante foi a convivência com os professores na sala dos professores, nos momentos antes da aula começar e nos intervalos. As entrevistas com os alunos foram baseadas em uma lista

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

de perguntas preparada e ensaiada anteriormente e realizada de forma indireta por meio de conversa com 9 alunos, no diálogo sentimos que as conversas foram bem espontâneas, sanando assim as dúvidas iniciais, as entrevistas aconteceram em um dia marcado. Já com a professora/orientadora o diálogo ocorreu durante todo o período do estágio, as perguntas eram formuladas antes e conversadas, um certo roteiro pré definido, não escrito, assim durante as conversas em sala de aula e nos outros ambientes da escola, como sala dos professores e até nos corredores.

Análise documental - foram analisados documentos da escola, Projeto Político Pedagógico e Regimento, para melhor entender as normas, leis e intenções da escola.

DESENVOLVIMENTO

O estágio curricular corresponde ao momento de inserção do futuro docente no cotidiano escolar, representando a articulação entre teoria e prática estabelecida pelas vivências, experiências e conhecimentos que são inerentes à profissão docente, os quais só podem ser apreendidos em consequência da atuação na escola, passando pela observação, pela participação e, ainda, pela regência. Assim, não existira uma “receita” ou método “supremo” capaz de converter alguém em professor; a prática docente não é algo que possa ser colocada em uma “caixa” de onde se retira apenas aquilo considerado para um sujeito se tornar um (bom) professor.

Desse modo, concordamos com Malysz (2010) ao afirmar que a formação docente é uma construção na qual o cotidiano profissional é concebido baseado em dúvidas, pesquisas e observação. Além disso, apregoamos a importância da relação entre a universidade e as escolas de educação básica, pois a prática deve ser vivenciada ao longo da graduação em licenciatura e não somente no último semestre de cada curso. Saiki e Godoi (2010) ressaltam que o estágio supervisionado possui um importante papel na formação do futuro professor, ressaltando que “é o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional” (SAIKI; GODOI, 2010, p. 29).

No entanto, apenas a observação pela observação e/ou a regência pela regência não são suficientes para a formação de um profissional professor capacitado e transformador, sendo necessário o desenvolvimento de um professor pesquisador. Logo, é nesse contexto que concordamos com Pimenta e Lima (2009) quando as autoras afirmam que o estágio deve ser visto como o momento de desenvolvimento da práxis e no qual se forma um professor

pesquisador crítico-reflexivo. Outrossim, devemos assinalar que além de contribuir para a formação docente, o estágio curricular auxilia na formação continuada do professor supervisor, o qual, em demasiados casos, carrega consigo uma formação debilitada.

Desse modo, ocorre uma ressignificação das identidades profissionais, as quais “estão em constante construção, a partir das novas demandas que a sociedade coloca para a escola e a ação docente. Formadores e formandos encontram-se constantemente construindo suas identidades individuais e coletivas em sua categoria” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 127). Conseqüentemente, ao realizarmos o estágio curricular em Geografia, podemos observar, sentir e viver o espaço escolar, as relações professor/professor, professor/aluno e aluno/aluno, o cotidiano da escola, as leis educacionais, os livros didáticos, a hora do lanche e do almoço, o recreio, as reuniões de área e dos professores com a gestão, ou seja, tudo aquilo que constitui esse espaço e que reverbera, positiva ou negativamente, no trabalho docente.

De acordo com Sato e Fornel (2010, p. 53), “conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino”. Aquino Júnior (2010, p. 79), em consonância com as autoras, afirma que “a escola não é uma célula isolada e deve estar integrada às ações da própria sociedade”, de modo que tal qual a organização da produção nas sociedades capitalistas, podemos fazer uma relação entre a educação (vide espaço escolar) e a economia, ao passo em que a escola aparece organizada como uma fábrica, com seus horários cronometrados e regulados de acordo com o soar de uma sirene, a organização das disciplinas compartimentadas e individualizadas, a divisão do trabalho dentro da escola, formas de avaliação objetivas e descontextualizadas etc.

Em contraste, acreditamos na importância da motivação dos alunos para a construção de conhecimentos no espaço escolar, sendo necessária a concepção da sala de aula como um ambiente de trocas de conhecimentos entre professores e alunos, onde se aprende e se ensina, ao passo que “a articulação entre conteúdo e cotidiano é uma abordagem eficaz para avançarmos das aulas tradicionais e expositivas para aulas interativas, nas quais os alunos possam participar com suas experiências e pontos de vista” (MOREIRA; SILVA; FERREIRA, 2010, p. 73). Assim, concordamos novamente com a afirmação de Aquino Júnior (2010) quando este autor considera a escola como responsável, juntamente a família, pela formação de valores, além de ser um espaço de construção de conhecimentos coletivos.

Segundo este autor, “[...] a escola precisa conhecer melhor seus alunos e profissionais para, assim, escolher as suas melhores ferramentas de apoio com vista a uma aprendizagem significativa e à formação de cidadãos pesquisadores” (AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 82). Nos

dias atuais, observamos recursos digitais como valiosas ferramentas para aproximar o aluno do conteúdo da disciplina, haja vista a maior facilidade de acesso que esses alunos possuem de instrumentos como smartphones e computadores. Contudo, a ausência de estrutura física e material adequada nas escolas da rede pública de educação ainda é perceptível, implicando numa maior dificuldade de implementação de aulas diferenciadas.

Sato e Fornel (2010, p. 53) nos dizem, ainda, que “conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino”. As relações entre aprendizagem e o meio estão totalmente relacionadas, não podemos separá-las, pois como falam as autoras acima, a aula não é um acontecimento isolado, e sim um conjunto de fluxos que ocorrem contribuindo positivamente ou negativamente para o processo de aprendizagem, de tal forma mostra-se a necessidade do estudo sobre essa questão.

A sala de aula não se forma só entre quatro paredes, onde os alunos ficam dispostos ao quadro. A sala de aula é todo o ambiente em que o aluno está inserido sujeito a aprender algo, vai além do entendimento do espaço físico, com isso o todo é responsável pelo desenvolvimento do aluno e a escola inserida como esse espaço de aprendizagem é, desde o portão de entrada aos corredores que dispõe as salas de aulas, a responsável no papel da educação.

O processo para aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre os quais, os mais pertinentes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno (MOTA; PEREIRA, s/d). Oportunidades imbricadas no processo de aprendizagem, novamente vê-se a importância do ambiente na aprendizagem.

A qualidade do ambiente escolar está diretamente ligada a qualidade do ensino, quando se dar melhores condições estruturais aos alunos e aos professores se tem uma estimulação de ambas as partes:

O indivíduo sofre, durante toda a sua vida, a influência dos agentes externos de natureza física e social. Esses agentes atuam sobre o seu organismo e sobre o seu espírito, estimulando suas capacidades e aptidões e promovendo o seu desenvolvimento físico e mental (MOTA; PEREIRA, s/d, p.2).

Desta forma, considerando a escola como um construto mais abrangente que seus muros, compreendemos que a aprendizagem é construída por meio de vários agentes, internos e externos, que se comunicam e formam o espaço escolar (MOTA; PEREIRA, s/d, p.6) “Em

nosso entendimento a escola faz parte de um contexto que engloba a sociedade, sua organização, sua estrutura, sua cultura e sua história.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola, lócus desta pesquisa-estágio, pertence à rede pública de ensino, foi fundada em 1970 e é regida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Dentro de seus 48 anos de funcionamento, a escola não passou por grandes reformas, ou se quer passou por reformas. É certo que algumas adaptações foram sendo feitas ao longo dos anos em decorrência das necessidades. Algumas salas adaptadas, troca de carteiras, pinturas, pequenas reformas em banheiros e cantina, assim como algumas alterações na sala dos professores e na sala dos coordenadores. Por necessidade a troca de ventiladores das salas de aula e no período da pesquisa passando por uma adaptação para ser uma Escola de Tempo Integral (ETI), também armários foram implantados dentro das salas para os alunos.

As salas estão bem deterioradas pelo tempo, no teto as goteiras são incontáveis, pois foi possível presenciar momentos em que os alunos tiveram que ficar fugindo das goteiras dentro da sala. Assim como faziam certo “*alvoroço*” para ficar onde as rajadas de vento dos ventiladores “*tufões*” barulhentos pegavam, quando estes funcionavam. O excesso de luminosidade ou a falta dela era um grande problema, em algumas salas havia grande quantidade de luz, enquanto outras o contrário era observado.

Outro grande problema visualizado foram os ruídos externos a sala de aula, isso porque as salas dispunham de grande parte da parede de cobogós, o barulho vinha das outras turmas. Muitas vezes durante as observações, nós conseguíamos ouvir toda a aula do professor de frente ou do lado, de modo a interferir na aula, já que tirava a concentração dos alunos, que por vezes já era mínima.

A EMEF em questão não foi construída para ser uma Escola de Tempo Integral (ETI), assim como outros equipamentos construídos na área periférica da cidade de Fortaleza, muito menos passou por reformas para que isso fosse possível. Ela é a chamada “*escola adaptada*”, pois era uma escola regular que se tornou ETI. Conseqüentemente, a escola não consegue atender a muitas das necessidades advindas de uma escola de tempo integral.

A falta de equipamentos também é uma realidade ferrenha, os professores têm que reservar um projetor de imagens pelo menos uma semana antes, já que a escola só possui dois desses aparelhos enviados pelo MEC (Ministério da Educação) chamados pelos alunos e professores de *Elobox*. Em conversa com a professora de geografia perguntamos se eles

tiveram algum tipo de capacitação para manusear o equipamento, já que não é um simples retroprojetor mais um computador adaptado a um, a professora nos respondeu que não, afirmando que esses materiais chegaram e eles começaram a usar de acordo com as necessidades. Em pesquisa descobrimos que o equipamento é uma lousa digital e que pode ser bem mais explorada.

Também não há espaços confortáveis para descanso nos intervalos, no pátio existe um palco, onde os alunos relataram que gostavam de ficar nos intervalos e a grande maioria relatou que gostava de ficar na biblioteca por conta do ar-condicionado.

Visão dos alunos em relação às aulas de Geografia

Como recurso de investigação foram realizadas entrevistas com alguns alunos, para ser mais preciso nove (9) alunos foram entrevistados, a turma continha 39 alunos matriculados e presentes. Antes montado um questionário que foi feito de forma indireta como uma conversa em uma sala disponibilizada pela escola, a conversa durou de 30 a 40 minutos a cada equipe entrevistada, neste momento nós já tínhamos uma relação bastante amigável com todos os alunos, contanto que todos queriam ir para a entrevista, o que não foi possível.

As perguntas começavam de onde eles moravam, quanto tempo levavam para ir à escola, como iam, de quem foi a escolha pela escola de tempo integral, e depois partia para questões voltadas à aula de geografia, o que eles achavam, como poderia melhorar e por final sobre a escola como o todo, os ambientes, quais os locais mais frequentados por eles em momentos extra-sala, quais os ambientes de descanso.

Algo que devemos acrescentar neste ponto é que foi inaugurada uma sala de aula nova que foi construída em um espaço vago ao lado da escola, um ambiente bem agradável e inicialmente uma turma do 8º ano foi locada nessa sala, com a falta de comportamento trocaram as turmas, a do 6º ano D foi para a nova sala e o oitavo foi para a sala antes do 6º ano D, a sala que os professores intitularam de a pior. Isso acabou sendo bem pertinente para a pesquisa, ao analisar os dois espaços e o comportamento da turma ao ser colocada em um ambiente mais adequado.

Voltando para as respostas dos alunos o que mais nos chamou atenção foi o fato de todos dizerem que para estarem naquela nova sala eles tinham que “merecer”, assim surge um questionamento dentro em nossas análises pessoais: O que tem que ser feito para eu (aqueles alunos) merecem uma educação de qualidade? Na nossa concepção a educação sempre foi direito e um dever do estado e não que fazer algo para merecer ali estar.

Dentre os relatos feitos pelos alunos mediante a entrevista, a escola até tinha um bom espaço, mas era desprovida de muitos espaços para repouso, que as salas eram quentes, escuras ou muito claras, que a biblioteca não cabia muita gente mas era o espaço preferido de 95% dos alunos entrevistados, o primeiro fator é o ar-condicionado assim colaborado com o silêncio e as possibilidades de leituras e de navegar um pouco na internet, mesmo sem acesso às redes sociais. Das aulas de geografia todos gostavam, porém não como sua matéria preferida, eles achavam a geografia algo monótono, que não precisava de tanto esforço como a matemática, mas que mesmo assim gostavam. Cerca de 80% dos alunos achavam que as aulas poderiam ser mais interessantes com o uso de globos, atlas e mapas, assim como aulas de campo, algo que nos deixou um tanto quanto impressionados pelo fato de um dos entrevistados relataram que a aula de campo poderia ser feita no pátio, na praça ou em um parque da Cidade.

Visão do professor

Com a professora o método de entrevista foi diferenciado, durou todo o período do estágio, um certo roteiro pré-definido porém sem questionários inscritos, isso com o intuito dos dados serem mais verdadeiros possíveis, todos os questionamentos e dúvidas foram sendo tiradas a partir das conversas em alguns momentos dentro de sala de aula, nos corredores e nas salas dos professores. A professora desde o início foi bem receptiva e sempre procurou nos acompanhar da melhor forma, aberta a todos as perguntas feitas e sanar todas as dúvidas.

Com cerca de 15 anos de magistério a professora é graduada pela Universidade Federal do Ceará, ainda no modelo de educação 3x1, onde o curso acontecia mais voltado para o bacharelado e nos últimos semestres havia a realização dos estágios. Passou muitos anos na rede de ensino privado e há cerca de 2 anos está como concursada na prefeitura de Fortaleza, além disso ingressou no mestrado em Climatologia na Universidade Estadual do Ceará, buscando constante capacitação.

Ao ser perguntada sobre a experiência no ensino público e no privado ela responde que na escola pública ela se sente mais livre para ensinar, mas que gostou bastante de ensinar no ensino particular. Ali, ela dava aula nas turmas de 6º e 8º anos, e que fazia o possível para que suas aulas acontecessem da melhor forma possível.

Em relação as questões estruturais da escola ela já havia relatado vários problemas na coordenação e chegou a ir em outras instâncias mas foi, de forma indireta, ameaçada porque ainda estava em período probatório, tentava se adaptar as realidades das salas de aula, ela

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

relata com tristeza um dia que as goteiras interferiram na aula a ponto de ficar impossibilitada de realizar porque os alunos tiveram que ficar esquivando suas carteiras dos pingos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar é um construto político, econômico e social, no qual a sua organização física está diretamente relacionada com a atuação de agentes variados. O aprendizado é uma construção, e como toda construção há vários agentes que se envolvem para formá-lo, o agente principal sendo o aluno e a escola como agente norteador.

O meio onde se insere o agente passível a transformação reflete em sua aprendizagem, assim o meio que o aluno está, direta ou indiretamente, vai influir sobre ele.

O espaço físico-estrutural da escola reflete diretamente nas aulas de geografia, a falta de estrutura atrapalha os momentos da aula com ruídos, com o mal estar da temperatura e com a insalubridade de muitas salas de aula, além disso nos momentos de descanso dos alunos não há espaço na escola que proporcione o mínimo de conforto para que as aulas seguintes se tornem menos fatigante.

Os poucos recursos didáticos que a escola possui também reflete na aprendizagem ao não proporcionar ao professor materiais que possam ser utilizados em aulas fugindo do assim do modelo de educação tradicional.

O estágio nos permitiu a aproximação com o ato de ensinar e para além o de vivenciar o espaço escolar, os ensinamentos começam no portão da escola ao interagir com o porteiro, na sala dos professores nas conversas sem assuntos definidos dos docentes e nas revoltas e lutas para uma educação melhor e pela valorização do professor.

REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, José. O aluno, o professor e a escola. IN: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 78-85.

MALYSZ, Sandra T. Estágio em parceria universidade-educação básica. IN: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 16-25.

MOREIRA, Dimitri Salum; SILVA, Marcelo José da; FERREIRA, Renato J. A didática da afetividade. IN: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 72-77.

MOTA, M. S. G. PEREIRA, F. E. de L. **Desenvolvimento e Aprendizagem: Processo de construção do conhecimento e desenvolvimento mental do indivíduo.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf Acesso em: 13 ago. 2019.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2009.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. IN: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 26-31.

SATO, Elizabeth Cristina Macceo; FORNEL, Silvia Renata. Conhecimento do espaço escolar. IN: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 52-57.